



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIENCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ARQUEOLOGIA E ANTROPOLOGIA

JOSÉ RAMIREZ DE PAULO MENDES

“PAGA A TUA CONTA, ARIGÓ!”: ANÁLISE SOBRE A ESTIGMATIZAÇÃO
DO CEARENSE EM SANTARÉM

Santarém, 2019

JOSÉ RAMIREZ DE PAULO MENDES

“PAGA A TUA CONTA, ARIGÓ!”: ANÁLISE SOBRE A ESTIGMATIZAÇÃO
DO CEARENSE EM SANTARÉM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Antropologia e Arqueologia, para obtenção do grau de Bacharel em Antropologia; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade.
Orientadora Dr. Lucybeth Camargo de Arruda.

Santarém, 2019

Ficha catalográfica elaborada pelo Setor de Processamento Técnico da Divisão de Biblioteca da UFOPA Catalogação de Publicação na Fonte. UFOPA - Biblioteca Campus Amazônia

Mendes, Jose Ramirez de Paulo.

Paga a tua conta, arigó: um olhar sobre a estigmatização social do cearense em Santarém / Jose Ramirez de Paulo Mendes. - Santarém, 2019.

39f.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Sociedade, Programa de Antropologia e Arqueologia.

Orientador: Lucybeth Camargo de Arruda.

1. Estigma social. 2. Arigó. 3. Cearense. I. Arruda, Lucybeth Camargo de, orient. II. Título.

UFOPA/Sistema Integrado de Bibliotecas CDD 23 ed. 302.12



UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA SOCIEDADE
PROGRAMA DE ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA
CURSO DE BACHARELADO EM ANTROPOLOGIA

JOSÉ RAMIREZ DE PAULO MENDES

**“PAGA A TUA CONTA, ARIGÓ!”: UM OLHAR SOBRE A ESTIGMATIZAÇÃO DO
CEARENSE EM SANTARÉM”**

Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Antropologia
com objetivo de obter aprovação na disciplina TCC-3, e obtenção
de grau de Bacharelado em Antropologia na Universidade Federal
do Oeste do Pará.

Conceito: 8,0

Data de Aprovação 27 / 02 / 2019

PRESIDENTE: Prof^a. Dr^a. Lucybeth Camargo de Arruda
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof^a. Dr^a. Luciana Gonçalves de Carvalho
Universidade Federal do Oeste do Pará

AVALIADOR(A): Prof. Dr. Eduardo Soares Nunes
Universidade Federal do Oeste do Pará

Vamos dar viva a ele

Ora viva o arigó

Vamos dar viva a ele

O matuto é o maior

Com a força dos meus braços

Pego a enxada e cavo o chão

Quando cai uma chuvada

Pranto arroz, mio e feijão

(Luiz Gonzaga, “Viva o Arigó”)

Aos meus pais, irmãos, minha esposa Renata e
minha filha Maria Flor.

AGRADECIMENTOS

Na hora de agradecer há sempre um risco de esquecer nomes. Por essa razão, desculpem-me aqueles que, por qualquer vacilo de memória, aqui não mencionarei. Sou muito grato, contudo, a toda ajuda, conselhos, dicas e críticas que tenho recebido durante a escrita deste trabalho. Houve uns que se preocuparam com a minha escolha do tema e outros que me encorajaram a seguir: agradeço tanto aos primeiros quanto aos últimos.

Gratidão, antes de tudo, à minha família. Sem o apoio dela não estaria aqui, pois foi ela, em especial meus pais, que sempre me incentivaram a estudar. Com o apoio dos meus pais – não meramente financeiro - cruzei o Estado em busca de uma graduação. Portanto, ao Vanderlei Mendes e Francisca Mendes meus sinceros agradecimentos! Amo vocês!

Não posso deixar de reconhecer os meus colegas da antropologia pela complacência (turma 2012): agradeço de coração a Veronica, Emília, Manu, Diego Darlisson, Carlyle, Elber pelas conversas.

À minha esposa Renata Oliveira, meu muito obrigado por estar comigo nessa caminhada.

Aos amigos que aqui ganhei (do CFI para a vida), que sempre estiveram por perto, me apoiando e me motivando a seguir quando necessário: Daniel, Antônio Júnior e Hesley.

A paciência e a hospitalidade de todos os meus interlocutores: meu muitíssimo obrigado!

Meus agradecimentos aos professores do PAA pelos ensinamentos durante os anos de graduação. E em especial quero agradecer aos professore(a)s: Lucybeth Camargo, Luciana Carvalho, Pedro Leal, Florêncio Vaz Filho, Helena Schiel, Rubens Silva.

RESUMO

Os usos e os diferentes sentidos que carregam a categoria *arigó*, assim como a obstinação do seu uso por parte dos santarenos para se referir aos cearenses (ou aos que são percebidos como tais), foram a mola-mestre desse trabalho. A partir disso, pretende-se compreender a relação de discursos entre os de “fora” e os de “dentro”: cearenses e santarenos; pretende-se também trazer à tona concepções globalizantes que estigmatizam o migrante ou que os essencializam. Além do mais, busca-se analisar, a partir de dados secundários e historiográficos, bem como analisar de forma diacrônica o desencadeamento de tal categoria através dos primeiros movimentos populacionais para a região amazônica. E de maneira sincrônica compreender o corolário de tal categoria, sob a ótica de algumas teorias sobre migração e estigma social. Para a obtenção de dados, recorri a entrevistas formais e informais. Além dessas, ilustro alguns exemplos com falas de conversas aleatórias com expressões marcantes que auxiliarão no entendimento deste trabalho.

Palavras-chave: Migração; Estigma Social; Arigó; Cearense.

ABSTRACT

The uses and the different senses that carry the category of the árigo, as well as the obstinacy of its use by the Santarenos to refer to Cearenses (or to those that are perceived as such), were the mastermind of this work. From this, it is intended to understand the relation of discourses between those of "outside" and those of "within": Cearenses and Santarenos; it is also intended to bring to the fore global conceptions that stigmatize the migrant, that is, that it is essential. Moreover, it is sought to analyze, from secondary or historiographic data, as well as to analyze in a diachronic way the triggering of such category through the first population movements for the Amazon region. And in a synchronic way it will understand the corollary of such a category, from the perspective of some theories about migration and social stigma. In order to obtain data, I used formal and informal interviews. In addition to these, I illustrate some examples with talks of random conversations with marked expressions that will help in the understanding of the objective of this work.

Keywords: Migration; Social Stigma; Arigó; Cearense.

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - MIGRAÇÃO CEARENSE E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA <i>FIGURA</i> DO ARIGÓ.....	14
CONSTRUÇÃO DE UM ESTÍGMA – <i>MARCADOS E ARMADOS</i>	21
CAPÍTULO 2 - OS ARIGÓS: DIALÉTICA DOS USOS E FORMAS DO RÓTULO....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vai também para a Amazônia protegido pelo SEMTA, de Jean-Pierre Chabloz. ...	16
Figura 2 - Mais Borracha para a Vitória, de Jean-Pierre Chabloz	17
Figura 3 - Vida nova na Amazônia, de Jean-Pierre Chabloz	19

INTRODUÇÃO

Desde que cheguei à cidade de Santarém, em 2012, comecei a ouvir, vez ou outra, uma palavra que me era nova até então: arigó. Ela fisgou-me a atenção e curiosidade, pois não a ouvia em minha cidade natal, Bonito, Pará. Pouco tempo depois, percebi, ainda que superficialmente, que ela possui vários significados: os sentidos dados a tal palavra dependem de quem ou para quem está se falando ou de como ela é expressada. Frases do tipo: “só podia ser arigó mesmo, pois tudo que ele deseja, alcança, porque é ‘mão-de-vaca’”¹. Para a palavra “arigó” não se tem uma explicação fechada, por assim dizer, ou uma única só explicação. Porém, quando interrogamos à um santareno, a avareza é o aspecto mais citado sobre o cearense. Por que há essa antipatia para com este último? E quanto aos gaúchos, por que não há esse tipo de atribuição, por exemplo?

Os dados referentes ao perfil sociológico do arigó (Benchimol, 2009) podem aclarar essa questão acima, pois num contexto diacrônico, a reunião dos principais fatos que interessam ao propósito deste trabalho, possibilitará a desnaturalização dessa problemática. Além do mais, houve todo um planejamento político específico voltado para a migração do povo cearense (Morales, 2002). Esse estranhamento quanto a ouvir sempre um ou outro santareno chamar cearense de arigó se tornou a ideia central do presente trabalho.

Dessa forma, “é nesse contexto de estranhamentos e de acusações que as identidades correm o perigo de ser essencializadas, tanto pelos grupos que as veiculam, quanto pela sociedade que as representam (Silva, p. 206, 2005). E os efeitos disso acaba, na maioria das vezes, causando estigmatização e intolerância.

Diante disso, compreende-se como foi construída a imagem do cearense ao longo da história da imigração. Analisarei também de forma sincrônica como tal imagem é refletida, considerando as informações apresentadas por Becker (2014), segundo a qual, nos anos de 1970, a migração induzida pelo governo federal foi um dos elementos que ajudaram a

¹ Elaborei essa frase de acordo com as coisas que ouvi por aqui em Santarém. Mais adiante mencionarei alguns exemplos de fato.

sustentar a fronteira. E essa, atualmente assume a forma intra-regional, ou seja, de um estado para o outro, e sobretudo, caracterizada pelo movimento no sentido rural-urbano.

Um das principais objeções direcionadas a este trabalho² foram relacionadas a maneira como eu iria abordar a categoria de grupo étnico para com a análise dos cearenses. Contudo, o objetivo está centrado em analisar mais as relações de rotulações de um migrante a partir da inserção dele num novo contexto social (Poutgnat; Streiff-Fenart (1998); (Silva, 2005), e não as relações fronteiriças e de reconhecimento de um grupo étnico.

No primeiro capítulo mostrarei pontos da história da migração que, de uma forma ou de outra, possibilitou que se construísse, socialmente falando, uma espécie de caricatura do migrante cearense. Caricatura essa que acabou se sobrepondo a “criatura” (Benchimol, 2009. Pg. 170). Assim, para fins de análise sobre esta correspondência - entre caricatura (imaginário) e criatura (indivíduo) – serão abordados os aportes teóricos do estigma goffmaniano sobre a identidade virtual e real. A identidade virtual diz respeito sobre aquilo que se pensa sobre um determinado grupo, e a real, sobre o que o grupo pensa (Goffman, 1988). E no segundo capítulo, a abordagem será discutida essencialmente a partir de alguns autores e noções do campo da etnicidade e, com isso, compreender quais as implicações do fenômeno de classificação de grupos no contexto de imigração. A partir disso, será discutido noções de endodefinições e exodefinições (o de dentro classificar, rotular, qualificar o de fora, respectivamente) e como esse jogo, essa dialética de atribuição categorial tem refletido no cotidiano, revelando discursos de como os cearenses lidam com o rótulo "arigó".

Por fim, é importante mencionar que os nomes dos interlocutores aqui citados são fictícios, de modo que preserve o anonimato pedido por eles. Pois, trata-se de um material delicado em que a desnaturalização revela constrangimentos, estereótipos e estigmas. E escolhi por manter uma grafia que seja fiel a fala dos interlocutores. A pesquisa de dados foi basicamente com entrevistas formais e informais e, pelo fato de eu não ser daqui de Santarém, me dificultou de início para entrar em contato com aqueles que seriam os meus interlocutores. Isso de certa forma me limitou no que diz respeito ao número de pessoas entrevistadas, apesar de ter conseguido trabalhar com o que tenho de dados com os aportes teóricos. Diante disso, o trabalho deveria ser abordado num recorte mais fechado, com um campo mais definido.

CAPÍTULO 1 - MIGRAÇÃO CEARENSE E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA FIGURA DO ARIGÓ

É sabido que a Amazônia foi ocupada por grupos populacionais de diferentes regiões do país. “Cariocas, paulistas, fluminenses, capixabas, mineiros, goianos, mato-grossenses, de todas as classes e profissões” percorreram aquela região em busca de trabalho, mudança da qualidade de vida, muito embora “milhares deles regressaram, tão pobres ou mais pobres do que haviam saído, e ainda doentes, desiludidos, cheio de filhos” (BENCHIMOL, 2009, pp. 166-167) Neste cenário, infere-se que houve dois movimentos marcantes que envolveram majoritariamente os “cearenses”³ e os nordestinos.

A fortuna do ciclo da borracha atraiu grupos imigrantes desde ingleses aos cearenses, nos primeiros anos do século XX, para região amazônica (Belém, Manaus, outras cidades e vilas da região). Mais precisamente, no período de 1850 a 1920 chegariam mais de 500.000 cearenses. (BENCHIMOL, p. 89); (NUNES, p. 311)

Uma outra leva de migrantes foi motivada pela seca durante os anos de 1941, 1942 e início de 1943, que “expulsaram o homem do sertão, do agreste e da caatinga” (*idem*, pp.166). A maior parte, segundo Benchimol (2009), era constituída de “cearenses”. Outra corrente de contingentes humanos, por sua vez, começou a partir de 1943 a 1945, que vinha dos centros urbanos. Ela foi:

Geralmente composta de homens solteiros ou desgarrados de sua parentela, muitos deles desempregados ou sem profissão definida. Vinham à Amazônia pelo simples sabor de aventura, muitos estimulados pela passagem de graça nos navios do Lloyd, pelas promessas do governo, dos boatos e anúncios dos centros de imigração e recrutamento, ou como alternativa para fugirem à convocação para a Força Expedicionária Brasileira que lutava na Itália. (BENCHIMOL, 2009, pp. 166-167)

² Apresentei o projeto inicial deste trabalho na disciplina de Seminário de TCC.

³ Para os paraenses e amazonenses, “cearense” é o nordestino, conforme Samuel Benchimol (2009, p. 13). Contudo, para fins deste trabalho, o sentido das aspas tem a ver que não se leva em conta apenas o cearense em si, aquele oriundo do Estado do Ceará, mas também a maneira pela qual eles (e até mesmo pessoas de outros estados) são percebidos e denominados como “cearense”.

Antes desses movimentos foi-se planejado e arquitetado um plano para impulsionar a imigração. Uma das principais táticas do governo era “de engradecer a audiência visando a produzir uma associação positiva entre Amazônia e cearense” (Morales, 2002, PP. 93). Nesse sentido, acontece uma mobilização de discursos e estratégias a fim de estimular a migração para a região amazônica. Sobre isso, demonstro a partir da articulação do governo, a produção de discurso sobre a região, disseminados pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, a divulgação por meio de recursos visuais feitos pelo pintor Chabloz, e a tentativa de idealização do ambiente de trabalho servem como formas de convencer à vinda para a região e viabilizar o plano.

A continuidade dos laços de parentescos entre os cearenses que ainda habitavam o Ceará e aqueles que já se encontravam povoando a Amazônia fazia parte dos argumentos para induzir o “desejo de migrar para a Amazônia”, Morales (2002).

Vargas, após findar sua incursão pela Amazônia, no ano de 1940 visita o Nordeste na qual percorre as cidades de Fortaleza, Recife e Salvador. Em uma de suas viagens para o Norte e Nordeste, propagava discursos nos quais, “além de apontar a açudagem, a irrigação e as estradas de rodagem como “realizações” postas em curso por seu governo, exalta o “cearense” como um audaz e corajoso povoador da Amazônia” (Morales, 2002, PP. 93).

Dessa maneira, a “fixação do homem ao solo” era a ideia central do plano governamental, ou seja, propunham direcionamento político de colonização para a região. Com isso, ventilava-se “ideias de uma nação em construção, em movimento, trabalhando coletivamente para produzir o seu todo uno e acabado”. (Morales, 2002, PP. 95)

Neste sentido, é forjado o “desejo de migrar para a Amazônia”, Morales (2002). O presidente Vargas enfatiza “a presença de continuidades, laços e parentesco entre os “cearenses” que habitam o Ceará e os habitantes que povoam a Amazônia. Findada sua incursão pela Amazônia, Vargas, no ano de 1940 visita o Nordeste. Percorre Fortaleza, Recife e Salvador. Entretanto, em Fortaleza, a única cidade em que seu discurso faz menção à Amazônia (Morales, pp. 98) é possível identificar as ideias por ele defendidas:

Venho da região amazônica [...] enquanto percorria o prodigioso vale, a cada momento, lembrava de vós. Numa época em que o Nordeste era assolado pela seca, em que populações deixadas ao abandono, procurando por si mesmas, recursos para não morrer, os nordestinos, principalmente os

cearenses, começaram a emigrar para a Amazônia. Saíram da terra flagelada, transferiram-se para outra [...] E o cearense adaptou-se à nova vida, avançou através da mata virgem, foi o pioneiro, afrontando perigos sem conta, audaz, heroico, persistente. Embrenhando na floresta foi ter aos confins do Brasil, reivindicando para a Pátria e incorporando à soberania nacional cerca de 200 mil km²...E essa obra é vossa, cearense. Por isso mesmo, a cada passo e em cada lugar a que chegava vinha-me à lembrança o povo desta terra, que deu aos postos da alta administração, ao comércio à indústria e lá continua presente nos velhos desbravadores e na jovem e numerosa descendência. (O Ceará e os seus homens de trabalho, discurso de improviso, em Fortaleza, em 15 de outubro de 1940. In: Vargas, 1941: vol. VIII)

Figura 1 - Vai também para a Amazônia protegido pelo SEMTA, de Jean-Pierre Chabloz.



Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/infograficos/2015/01/118022-batalha-da-borracha.shtml> (2015).

O interesse em levar nordestinos/cearenses/trabalhadores para atender às necessidades resultantes do acordo político estabelecido entre o governo brasileiro e os Estados Unidos, fazia necessário que se buscasse as mais diversas estratégias de divulgação daquele plano. Entre elas, a produção de meios publicitários, portanto, é uma das estratégias que abordarei aqui, apresentando suas principais características e perspectivas para com o cearense.

Jean-Pierre Chabloz, pintor suíço, então “foi convidado em 1943 a trabalhar em

Figura 2 - Mais Borracha para a Vitória, de Jean-Pierre Chabloz



Fonte: <https://goo.gl/jZMZxJ>

Fortaleza, na campanha da borracha, parte do esforço de guerra”⁴. Em sua pintura (imagem 2) há uma idealização flagrante. O desenho de uma árvore que passa longe de ser uma seringueira demonstra que, como explica Moraes (2013), Chabloz:

⁴ JEAN-PIERRE Chabloz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4272/jean-pierre-chabloz>>. Acesso em: 04 de Ago. 2018

Nem sequer havia visto uma seringueira, ou látex sendo extraído, ou borracha sendo defumada. Essa ausência de informações específicas...pode ser observada nas formas das árvores esboçadas, formas bastante genéricas que remetem à categoria “árvore”, mas não particularizam a subcategoria “seringueira”. Apenas o líquido que jorra em primeiro plano, que é expelido do vértice do “V” e atinge o balde ao solo, faz alusão ao látex derramado. Também a palavra “borracha”, presente no título da peça de propaganda, em que se conclama o aumento da produção desse material “para a vitória” na guerra, permite que identifiquemos as árvores como seringueiras. (p.152)

Com isso percebe-se que, não importando muito a fidelidade do desenho, a finalidade de Chabloz era de “direcionar pensamentos e sentimentos do receptor a convergirem com um determinado objetivo do emissor da mensagem” (Moraes, 2013, p.158).

Eis o objetivo:

Potencializar a atratividade das promessas do organismo. Em ‘Mais borracha para a vitória’, o ambiente domesticado da selva contava com seringueiras enfileiradas a fim de agilizar o trabalho dos seringueiros. Nos demais cartazes, outras promessas surgiam. (Moraes, 2013, p.158)

Além do mais, o objetivo do artista suíço tinha consonância com a meta do governo de trazer para a Amazônia, intermediado pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA), “cinquenta mil trabalhadores em cinco meses, além de angariar prêmios, concedidos pelos Estados Unidos, a cada 5 mil toneladas de borracha produzidas” (Moraes, 2013, p. 155). Dessa forma, o aliciamento de mão-de-obra era peça-chave de tais propagandas, pois pretendia-se “mostrar ao migrante em potencial as facilidades que encontraria em seu trabalho: todos os seringueiros trabalhando em conjunto, em árvores bem próximas umas às outras, imersos em um ambiente de terras férteis e fartas”. (MORAES, 2013, p.155)

Figura 3 - Vida nova na Amazônia, de Jean-Pierre Chabloz



Fonte: <https://marcaamazonia.files.wordpress.com/2017/03/vidanova.png?w=380&h=379>.

Os desenhos de Chabloz foram e são aclamados pela crítica⁵ e isso porque “o suíço costumava trabalhar com afinco, durante os dias e as noites, inclusive aos fins de semana” (idem, p. 157). Contudo, a realidade sofrida, por aqueles que deixaram seu lar para embrenhar-se nas florestas daqui, era outra. E em razão dos seringais localizarem-se em meio floresta com dimensões superlativas, “as notícias advindas da Amazônia não circulavam com facilidade, tendo sido necessário um lastro de tempo mais vasto para que as consequências danosas da empreitada extrativista começassem a tornar-se conhecidas”. (idem, p.157)

Todavia, é importante frisar que todo esse apelo publicitário do Chabloz juntamente com o SEMTA não foi o que realmente impulsionou a migração para despertar o desejo de migrar. Muito embora a tentativa do SEMTA com o pintor suíço tenha sido de estimular o

desejo de migrar, muitos dos que para cá vieram não chegaram a ver nenhum dos cartazes. Portanto, o objetivo fulcral dessa propaganda consistia em atingir um raio mais local, como explica Morales (2002):

Sobre esses cartazes, nenhum dos indivíduos por mim entrevistados disse tê-los visto. Acredito que sua função era fazer uma divulgação do SEMTA. Não eram para mobilizar os “sertanejos” mas a opinião pública local e torna-la favorável ao que ali ocorria. O SEMTA, através dessa *divisão*, instalou-se em Fortaleza de forma intensa. Fazia passeatas e as vitrines de lojas do centro da cidade bem como o hall de um dos principais cinemas da época, o Cine Diogo, foram decorados com painéis onde predominavam figuras de pneus, seringueiros e a foto de Getúlio Vargas. Entretanto, esses expedientes também eram uma forma de grupo político associado ao SEMTA produzir sua visibilidade e, com isso, mostrar a força de sua existência. (MORALES, p. 192)

Com o exposto acima pretende-se dizer que desde esse plano político é que se começou a forjar um imaginário sobre o ser arigó, com planos governamentais e pinturas publicitárias romantizadas. Nesse sentido, qualquer cearense que se mude, sejam quais forem os fatores de deslocamentos, forçados ou não, na maioria das vezes são considerados arigó (no sentido que está sendo problematizado neste trabalho, pejorativo). Isso demonstra o quão arraigado está a categoria na questão histórica e seus desdobramentos explanados acima. Nos dias de hoje, ela, a categoria, vai se adaptando e ganhando outros contornos de definição para com as situações mais atuais de migração. Assim, acredita-se possível que a construção da imagem do arigó foi guiada politicamente e reproduzida socialmente. Como uma espécie de migrante ideal, Vargas encorajou aquele trabalhador que já em sua terra vivia sem esperança de melhoria de vida, e quando aqui vieram, viram-se na mesma situação, porém em lugar diferente. E mesmo nesse cenário, o migrante que se tornou arigó (como analisado no próximo capítulo) se empenhou e mostrou coragem para enfrentar a lida.

⁵ *Idem*. 2018

Construção de um estigma – *marcados e armados*

Com a chegada de contingentes humanos à região amazônica, a partir de 1943, advindos de centros urbanos, mormente, eram formados por “homens solteiros ou desgarrados ou sem profissão definida” (Benchimol, 2009, p. 166). E muitos deles, ainda segundo Benchimol (2009), não se limitavam aos incentivos do governo, escapando aos seus mandos e tampouco seguiam o protocolo estipulado. Insubmissos, rebeldes, contestadores, os adjetivos eram sobejamente associados a esse migrante nordestino cuja personalidade era excêntrica em relação aos demais.

Possuíam vestimentas e modos peculiares. Envolviam-se em bebedeiras e em confusões; causavam estardalhaço em bares, alguns chegavam a ser presos e dentre outras coisas que figuravam frequentemente páginas de jornais na seção policial (*idem*, 2009). Esse era, sumariamente, o perfil, o “tipo psicológico” de qual fala Benchimol (2009) do migrante nordestino, na maioria das vezes “cearense”, alcunhado de arigó.

“Eram homens marcados e armados” (Bechimol, 2009, p. 170). A reputação dos arigós foi sendo manchada, digamos, onde quer que eles pusessem os pés. Isso interferia de forma negativa na vida dessas pessoas, uma vez que atrapalhava as chances de conseguir um emprego, de convívio num novo contexto social, de viver (*idem*, 2009, p.170). Esse grupo específico de migrantes “em calça frouxa de mescla, chapéu de palha virado, blusa larga de algodão, mochila às costas, alpercata de rabicho, barba grande, a peixeira à ilharga” (*idem*, 2009, p.169) eram sobremodo estigmatizados (essa questão será trata no próximo capítulo). A visão dos jornais sobre eles marcava mais ainda este aspecto negativo.

Samuel Benchimol (2009), analisou várias notícias de dois jornais de Manaus (Diário da Tarde e O Jornal). O conteúdo do jornal “tem um grande significado sociológico, pois demonstra o estado de espírito daquela pacata e decadente cidade que, então, tinha apenas 110.000 habitantes, que se viu invadida e perturbada pelo ingresso dos novos migrantes. ” (p. 171)

Em “O Jornal” lê-se um trecho sobre os “‘Arigós Endiabrados’: Encontram-se recolhidos à cafua da Polícia Civil os endiabrados arigós: Cândido de Assis e Gérson Florita, os quais, ontem, tentaram perturbar a ordem na Hospedaria do Pensador, no bairro de Flores.” (p.176)

Para o autor, arigó não se trata simplesmente de um apelido, senão de um “fenômeno”. E tal fenômeno é discriminado por ele em três versões que dizem respeito preliminarmente (ao que já foi adiantado acima) sobre a versão desordeira e policial, em que o autor se baseou nas crônicas e registros policiais; a segunda aborda a parte semântica e erudita que “entre os filólogos da terra, João Leda, Martins Santana e Adriano Jorge, e, por intromissão, um depoimento sábio de um velho cearense, José Rodrigues da Mota”.

Num canto da página de O Jornal (22/09/1943) há um espaço para a “Pergunta do dia”. Nele lê-se a seguinte questão: “O que é, afinal ‘arigó’? Poderá o Dr. Adriano Jorge, com sua ímpar competência de intelectual, dizer o que pensa, especialmente se há feminino do vocábulo?”

Lê-se um trecho da resposta:

Já o professor João Leda acentuou, com a sua indisputável autoridade em assuntos filológicos, a inexistência do vocábulo ‘arigó’ nos dicionários do idioma. Na linguagem oral, no entanto, temos topado com frequência notável esta palavra – ‘arigó’ – acerca de cuja morfologia continuamos todos ao léu. Informando-me do conteúdo semântico do termo, averigui – e isso em mais de uma fonte – que ele se refere a uma ave de arribação, que, ao jeito das avoantes do Nordeste, migra em bandos compactos, devastando onde pousa. [...] (p. 177)

A discussão é longa e rica, dela pode-se extrair diversas informações que nos ajudam a pensar e discutir o fenômeno arigó no perfil semântico e erudito no cotidiano de Santarém. Tive a oportunidade de ter uma conversa com um comerciante da feira da Candilha, seu Antônio. Alguns colegas já tinham me adiantado essa analogia da ave de arribação citada acima, mas foi o seu Antônio quem a confirmou, porém com um sentido positivo. No próximo capítulo descrevo como foi tal conversa.

Por ora, qual a razão para arigó não ter um só sentido? Histórico? Social? A análise aqui compreende que tanto os aspectos histórico e social dialogam-se no que diz respeito a construção da categoria; ambos os aspectos revelam traços (que algumas vezes são sutis) de intolerância e preconceito, sutis ao ponto de não se saber o sentido, se é por brincadeira ou não, pois, como afirma Goffman, “essa incerteza é ocasionada não só porque o indivíduo não sabe em qual das várias categorias ele será colocado... Assim, surge no estigmatizado a sensação de não saber aquilo que os outros estão “realmente” pensando dele” (GOFFMAN, p. 23). No entanto, ilustro aqui uma possível explicação para essa característica de sentidos

múltiplos para uma categoria social. A referência ao João Leda acima foi feita porque ele havia publicado anteriormente nesse mesmo jornal:

[...] A latitude do significado atribuído a ‘arigó’ é a mesma de todas as palavras que, isentas de limitação sinonímica por não se lhes poder fixar a etimologia, comportam enorme extensão de sentido: ‘arigó’, ou o malandro adventício que, tirando todas as vantagens de ser desconhecido no meio em que opera, exercita com mais segurança e eficiência a arte de despojar o próximo daquilo que possui. [...] (p. 181)

A vez de retrucar é do do professor Martins Santana, “catedrático de Português do Ginásio Amazonense Pedro II, e também uma autoridade linguista, que saiu em defesa do “arigó””:

O vocábulo ‘arigó’ não é, também, forma de gíria, nota de jerga, voz de calão, para significar o malandro, o escroncha, o lunfa, aquele que vive de surruiar os bens dos próximos. Os cearenses vindos, ultimamente, ao Amazonas, é que trouxeram a palavra ‘arigó’, com a qual se apelidaram entre si, no seu bom humor, por se julgarem, em seu destino, como as aves migradoras, num viajar constante de região a região. A reportagem dos jornais, ao noticiar vários roubos, feito por alguns desses recém-vindos, os quais chamou arigós, fez, sem propósito, com que essa palavra se contaminasse da ideia de ladrão. O povo das ruas, em sua alacridade garota, aceitou a contaminação e emprega, frequentemente, o termo que o involucra. (p. 185)

Como pôde ser notado, na problematização do professor Martins Santana dessa última citação aparece alguns dos estereótipos, da imagem preconcebida do migrante cearense que é um dos elementos centrais deste trabalho. Portanto, o que se pode discutir nesse ponto é que enquanto arigó se configura uma endodefinação (apelidam entre si) é motivo de brincadeira.

Compreender a relação de oposição dialética entre as exo e endodefinações é de substancial importância para entender essa relação de um grupo caracterizar, classificar, denominar o outro. As exo e endodefinações “raramente são congruentes, mas necessariamente ligadas entre si: um grupo não pode ignorar o modo pelo qual os não-membros o categorizam e, na maioria dos casos, o modo como ele próprio se define só tem sentido em referência com essa exo-definição” (POUTIGNAT- STREIFF-FENART, 1998, p. 143). É visível esta interdependência entre os discursos (dos de dentro, Santarenos, e dos de fora, Cearenses). Os de dentro oferece pistas para entender de uma outra maneira (a partir da pesquisa antropológica) a real definição dos de fora.

De modo geral, as exo-definições tendem a ser globalizantes, baseadas em similaridades simplificadoras. Muito embora o caráter globalizante das exo-definições não representa necessariamente uma vontade de estigmatizar um grupo – pode manifestar, simplesmente, a função simplificadora da categorização social, este fenômeno – estigmatização social - é particularmente visível nas situações migratórias em que os nativos têm geralmente tendência a se englobar em uma identificação comum, frequentemente com base num traço pejorativo.

Quando se fala “arigó” de forma negativa, o incômodo aparece e as razões também. Logo, o problema da essencialização se sobressai. Assim sendo, o migrante vira totalidade, fica reduzido a noções hostis e, portanto, gera o desconforto alegado pela maioria dos interlocutores. Essa análise será abordada no próximo capítulo.

Por fim, as migrações aqui tratadas tiveram, inicialmente, seus motivos objetivos (questão da seca), subjetivos (decisão de migrar, mudar de vida, esperança) e políticos (planos e estratégias a partir do Estado, seja imperial ou republicano, mas, principalmente, o governo de Vargas). É sabido, portanto, que a migração/migrante é um fenômeno constante, que o seu perfil muda no tempo e espaço. No entanto, há marcas que se perpetuam no tempo. São essas marcas que se tem trabalhado aqui. Não significa dizer que o mesmo sentido de arigó, décadas atrás seja o mesmo de hoje, mas a maneira de julgar o sujeito a partir de seu lugar de origem ainda continua em sua disposição inicial. Logo, o processo histórico analisado aqui está intimamente ligado ao aspecto social que continua sendo construído.

CAPÍTULO 2 - OS ARIGÓS: DIALÉTICA DOS USOS E FORMAS DO RÓTULO

O termo “arigó”, devido a sua carga pejorativa que ora possa possuir⁶, será abordada neste capítulo como um estigma no sentido empregado por Goffman (1988) que, em linhas gerais, se configura quando os atributos têm seus significados depreciativos, que efetivamente gera descrédito, um defeito ou uma desvantagem; e como uma categoria classificatória que não necessariamente implica numa formação de um grupo étnico ou social, como já dito antes. Sobre esta última questão, é tratado aqui a ideia de que, tal categoria não está necessariamente ligada a uma organização (formação) social de um grupo com reivindicações políticas de reconhecimento social as quais fazem surgir movimentos cujo foco visa lutar ou reclamar por direitos essenciais negados, por exemplo.

Dessa forma, os diferentes sentidos e o uso frequente por parte dos Santarenos do termo “arigó” para se referir aos imigrantes cearenses e as formas com que esses últimos reformulam tal predicado são pertinentes para entender a dialética de atribuição categorial à luz das proposições teóricas de Poutgnat; Streiff-Fenart, (1998) dentro do campo de estudo da etnicidade. Além do mais, pretende-se analisar também neste capítulo como os migrantes lidam com o rótulo “arigó”, bem como compreender os mecanismos de ressignificação dos atributos do grupo social. Para tal, será ilustrado adiante alguns dos discursos proferidos pelos Santarenos. Contudo, é importante notar que isso não se trata de uma especificidade – digamos assim – dos que aqui residem, é mais por uma questão de método.

É importante ressaltar também que *arigó* não condiz, pelo menos através da perspectiva deste trabalho, à uma identidade social. Melhor dizendo, não pretende-se afirmar que essa atribuição produz identidade no sentido de que ela seja um componente de um conjunto de “sinais diacríticos que atestem que se pertence ao grupo e se seguem suas regras, e portanto que se pode ser um depositário fiel” (CUNHA, 1986, p. 93); como um recurso social para (a)firmar e/ou reivindicar uma posição social diante de um sem-número de situações convenientes. Essa atribuição será tratada aqui no sentido de que ela não revela características distintivas de identidade ou de uma etnicidade – como já apresentado acima -,

⁶ Algumas pessoas não veem algo de negativo. Enxergam como uma brincadeira, como veremos ainda neste capítulo.

senão como uma forma de classificação atributiva, uma categoria construída social e historicamente (Poutgnat; Streiff-Fenart, 1998).

Partindo do pressuposto de que os migrantes (sejam eles imigrantes ou emigrantes, os que, respectivamente, entram e os saem de algum lugar) são nominados a partir de problemas a eles associados (Sayad, 1998, p.15), os cearenses são tachados de tal maneira por possuírem um desempenho no comercio, por exemplo. Isso é o que se infere da afirmação do Seu Felisberto que “o arigó vem pra cá e de repente ganha dinheiro e os daqui não ganham dinheiro. Chegaram e tomaram conta do centro e tudo, um monte loja. Em 58, quando eu cheguei aqui Santarém era só o centro”. (Seu Felisberto – Entrevista concedida em 28/06/2018). Este casal, Seu Felisberto e Dona Sinara, é oriundo de Mucambo, Ceará. Seu Felisberto veio para cá em 1958. Sua esposa veio depois em 1967. Aqui casaram e se estabilizaram.

Para a esposa de seu Felisberto essa situação relatada acima por seu marido é a principal causa que explicaria o incômodo dos santarenos ao que estes últimos repreendiam com expressões e nomes que causavam e ainda causam um desconforto.

Dona Sinara justifica a sua resposta com mais detalhes. E o interessante foi que Dona Sinara adiantou o assunto sobre o preconceito, como ela mesma disse. Entretanto, ela não sabia de antemão que eu iria tocar nesse assunto. Antes de fazer a entrevista fui uns dias antes em sua sorveteria, que fica ao lado de sua casa. Falei sobre o meu trabalho a ela e, então, perguntei se poderia entrevistá-los, ela e o marido. A resposta foi sim e, ela escolheu um domingo. Dia sem correria para ela. No dia da entrevista, numa manhã chuvosa, eu comecei com umas perguntas mais genéricas para não tensionar a entrevista. Depois, que a conversa começou a fluir, entrei com perguntas que realmente interessa a esse trabalho. Porém, aos treze minutos ela precipitou-se nessas palavras:

“Pra falar a verdade o que eu mais enfrentei assim era o preconceito. Hoje em dia é crime é coisa né? Mas naquela época era o preconceito, eles tinham muito preconceito sobre os nordestinos. Nordestinos tinham vindo...formado Santarém. Pode-se dizer que Santarém foi formado pelos Nordestinos, assim como Itaituba também, os Nordestinos meteram cara. Os paraenses tinham um preconceito, porque na verdade paraense gosta muito é de pescar, né?! Eles têm a pescaria deles, isso é coisa que já de vem de longe da cultura, porque se ele tiver o que comer hoje, ele como hoje e amanhã e vai pensar o que ele vai fazer pra ele comer. Já os Nordestinos não, ele se preocupa com hoje e mais adiante, em fazer alguma coisa pra mais adiante

Para o senso comum, ou melhor, alguns santarenos, “arigó” é sinônimo de uma pessoa avarenta, gananciosa. Daí a “justificativa” para muitos santarenos de que todo cearense é bem-sucedido no ramo comercial. Ouvi bastante este tipo de discurso nesses últimos anos em Santarém. Já cheguei a ouvir (de um colega do curso técnico em Informática) que o atual prefeito conseguiu ser eleito porque é arigó, como um gracejo.

Para ilustrar mais, citarei a definição de um amigo meu. Perguntei a ele sobre o que ele pessoalmente entendia por “arigó” e me explicou que

“Aqui pra Santarém arigó é cearense que só pensa em trabalho...Sabe estereótipo de judeu que só pensa em dinheiro? É o nordestino aqui. Os arigó no caso. É tido também como gente lerdá. Se tu fez besteira... É certo que alguém vá falar: ahhhhh seu arigó!”⁷.

A concepção básica de estigma em Goffman (1988) é, inicialmente, ladeada por duas formas de identidade, a saber: identidade virtual e real:

“O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. [...] Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo, embora eu proponha a modificação desse conceito, em parte porque há importantes atributos em quase toda a nossa sociedade levam ao descrédito. O termo estigma e seus sinônimos ocultam uma dupla perspectiva”. (p. 13-14)

Nesse sentido, Goffman utiliza o exemplo de quando alguém é apresentado a outra pessoa. Nessa situação, é possível que ambos antevejam seus pretensos atributos; que se façam afirmações em relação a que eles deveriam ser. Dessa maneira, tais atributos tornam-se em “expectativa normativa, em exigências apresentadas de modo rigoroso” (Goffman, 1988, p.12).

A essas exigências provavelmente não será possível preenche-las, pois, em tal circunstância trata-se de uma “identidade virtual”. Ao passo que, “a categoria e os atributos

⁷ Na internet há muita coisa desse tipo também. Pesquisando por “arigó”, em qualquer motor de busca, encontrar-se-á várias definições pejorativas. Existe uma espécie de dicionários informais na internet. Lá encontram-se muitas definições de usuários comuns que cadastram suas concepções pessoais sobre qualquer verbete ou palavra. E o arigó está lá. Como o objetivo deste trabalho está focado nas falas dos santarenos, não cito aqui tais concepções, mas pensei ser importante comentar aqui.

que ele [o estranho], na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real” (*idem*).

Ademais, um estigma se configura quando os atributos têm seus significados depreciativos, que efetivamente gera descrédito, um defeito ou uma desvantagem:

“Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem, portanto ele não é, em si mesmo, nem honroso nem desonroso. Por exemplo, alguns cargos na América obrigam os seus ocupantes que não tenham a educação universitária esperada a esconderem isso; outros cargos, entretanto, podem levar os que os ocupam e que possuem uma educação superior a manter isso em segredo para não serem considerados fracassados ou estranhos”

É um estigma no sentido de perceber o migrante sobre o prisma de características genericamente pensadas. Dessa forma, não sabendo dos anseios e objetivos individuais de cada migrante, a sociedade receptora cria em seu “imaginário” expectativas normativas de como o “arigó” deveria ser. (Goffman, 1988, p.12)

Quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” – para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”. Baseando-nos nessas preconceções, nós as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso. Caracteristicamente, ignoramos que fizemos tais exigências ou o que elas significam até que surge uma questão efetiva. Essas exigências são preenchidas? É nesse ponto, provavelmente, que percebemos que durante todo o tempo estivemos fazendo algumas afirmativas em relação aquilo que o indivíduo que está a nossa frente deveria ser. (Goffman, p.12, 1988)

Assim, as exigências que fazemos poderiam ser mais adequadamente denominadas de demandas feitas “efetivamente”, o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização “efetiva”, uma identidade social virtual. A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de sua identidade social real.

O exposto acima ajuda a compreender a questão central: como os cearenses são percebidos generalizadamente e como eles realmente se identificam. No contexto de imigração, é possível que haja novos cenários de interação social compostos por conflitos ou

choques culturais. Essas relações sociais podem propiciar, dessa forma, uma “ordem sociocultural – e esta é, em geral, marcada por tensões e estranhamentos, que acabam por incidir na dinâmica cultural do grupo dos emigrados, conferindo-lhe significações específicas” (Silva, 2005, p. 77). Muitos dos migrantes acabam se resignando como uma forma de lidar e amenizar o preconceito. Seu Felisberto, por exemplo, diz que “até que não me ofendia muito não. Porque se a gente se importasse era pior, né? Aí que chamavam mesmo”.

Assim, nesse mesmo contexto contrastivo, um dos aspectos que se pode inferir dessas tensões e estranhamentos é o surgimento de termos classificatórios, haja vista que, como sinaliza Sayad (1998),

“está no estatuto do imigrante (estatuto ao mesmo tempo social, jurídico, político e, também, científico) e, por conseguinte, na própria natureza da imigração, só poderem ser nomeados, só poderem ser captados e tratados através dos diferentes problemas a que se encontram associados – problemas que se devem entender aqui no sentido de dificuldades, distúrbios, danos, etc.” (Sayad, 1998, p.15)

Ao estudar os bolivianos, Silva (2005) alega em seu artigo que “é nesse contexto fronteiriço que elementos da cultura material – como aguayos (tecidos multicoloridos), formas linguísticas, ou mesmo expressões mais complexas, como rituais, tradições, festas entre outros – ganham relevância”.

Ao longo dos anos de 1941, 1942 e início de 1943, retirantes do nordeste brasileiro eram impelidos para Amazônia. Acometidos pela seca e atraídos pela seringa. Atração essa que travestida de uma “nova canaã, uma terra prometida construída pelas elites com escopo definido, como forma de se contrapor ao apresentado como o lugar de sofrimento, de dor e de abandono, o nordeste seco e “sem vida””. (Lima, 2014, p.4).

Contrapondo isso pretendia-se “fazer crer que a nova vida estava nas planícies alagadas do Norte, na majestosa floresta tropical”. (Lima, 2014, p.4) “Cearenses”⁸ ocupariam aquela região, no total de todas as levas, numa cifra de aproximadamente 500.000 pessoas. Estimou-se esse número ao final de 1960 “representando assim o maior movimento humano

⁸ O cearense com aspas usado pelo autor citado é sinônimo de nordestino, como dito acima.

das migrações internas da história brasileira, superado somente pela migração pau-de-arara para São Paulo.” (Benchimol, 2009).

Diante disso, é interessante notar que:

“As obras que tratavam da migração para a Amazônia no período da Guerra, escritas durante o Estado Novo reforçavam essa visão deslumbrada que se não era de todo equivocada, ao menos era exagerada, visando apresentar as políticas do Presidente Vargas, como ato de salvação dos nordestinos premidos pela seca. Tal postura acabava por colocar todos os migrantes em um estereótipo que poderia até representar a maioria dos Soldados da Borracha, mas que, com toda certeza, não os representava na totalidade. Essa visão acabava por esconder ou escamotear outro aspecto que era relevante para os migrantes, que era a possibilidade de liberdade, de autodeterminação, de lutar por sua sobrevivência e existência”. (Lima, 2014, p.4)

Em entrevista Seu Felisberto e dona Sinara afirmaram-me que “Os Cearences tudin’ só veio por causa da chuva [seca]”. A seca foi o principal motivo para eles migrarem, até porque se não fosse isso “ninguém tinha saído de lá”. Migrar foi a única opção para este casal. “É tanto que esses cearenses mais velhos que já fizeram família, que já fizeram o seu pé-de-meia, a maioria deles já estão voltando pra lá, porque agora eles não dependem mais da terra. E agora tem chuva todos os anos né?”, disse a dona Sinara.

Em linhas gerais, as migrações dos dois primeiros anos tiveram contornos diferentes das de a partir de 1943-45. Do sertão, do agreste e da caatinga.

A migração de “cearenses” e nordestinos para essa região foi densa, mas não foi única.

Não apenas cearenses e nordestinos, mas também oriundos das mais diversas regiões do país: cariocas, paulistas, fluminenses, capixabas, mineiros, goianos, mato-grossenses, de todas as classes e profissões. Geralmente provinha das grandes e médias cidades do Rio, São Paulo, Niterói, Vitória, Salvador, Recife, Fortaleza, João Pessoa e Natal.

Por conseguinte, muitas das obras que abordam a temática da migração para a região amazônica no período da Guerra reforçam essa identidade virtual, essencializadas. Afetadas pela política de governo da época (Era Vargas) que se apresentava como “ato de salvação dos nordestinos premidos pela seca”. Isso findou em colocar os migrantes numa totalidade que certamente não os representavam que, por sua vez, “acabava por esconder ou escamotear

outro aspecto que era relevante para os migrantes, que era a possibilidade de liberdade, de autodeterminação, de lutar por sua sobrevivência e existência”. (Lima, 2014, p.4)”

Seu Antônio, um comerciante da Feira da Candilha, que vende artigos variados como: lampião, chapéis de couro (típico nordestino), peixeira, chicotes, alimentos, calçados, etc., e segundo minhas primeiras impressões, é um senhor simpático, sorridente e conversador. Está sempre atento aos clientes, informando preços a quem passa e dar uma olhadinha nos produtos que ficam fora do estabelecimento.

O ambiente o qual eu estava - cercado de artigos que podem ser caracterizados como “índices” (Poutgnat; Streiff-Fenart, 1998, p.150) tais artigos que estão associados ao Nordeste, aquele veiculado “pelas grandes emissoras de televisão, estão ligadas ao chamado coronelismo, ao cangaceirismo e à persistência de formas arcaicas de relações sociais, situadas no universo do pré-capitalismo”. (Bernardes, p. 42, 2007).

Assim que entrei na loja um tanto apertada, vasculhei o lugar com um “olhar disciplinado” e “devidamente sensibilizado pela teoria” (Oliveira, 1999, p.19) - cheia daquelas coisas citadas acima para vender, coisas no teto, na parede e no chão -, enquanto seu Antônio conversava com um cliente (que me parecia uma boa e velha freguesia); davam risadas, falavam de comidas “típicas” improvisadas do Nordeste como o mingau de mandioca puba, por exemplo, que “quando não tinha açúcar, adoçava com rapadura mesmo”, ouvi.

Fiquei um bom tempo (cerca de aproximadamente 10 (dez) minutos, tímido) esperando aquela conversa acabar para que eu pudesse iniciar uma conversa informal com seu Antônio. Enquanto esperava, observava como uma “observação de pássaros” (Mann, 1970, p. 91) valendo-se de uma “participação mínima e controle mínimo como “observação pura” (idem, p. 91), observando o momento e registrando os aspectos mais relevantes para a pesquisa, pois antes de falar para seu Antônio o que eu estava fazendo ali, acredito que ele me via meramente como um consumidor. Assim que a conversa terminou, me aproximei, apertamos as mãos e comecei a falar de minha pesquisa e quem eu sou enquanto acadêmico.

Seu Antônio esperava eu retirar algum papel da minha mochila contendo perguntas sobre a pesquisa, uma entrevista ou um questionário, algo do tipo, (pois quando fui embora ele me disse “quando você vir de novo, traga o texto”), esse texto seria um questionário ou algo do tipo, mas preferi uma conversa informal. Isto, de certa forma me impressionou, pois

muitos dos meus interlocutores não se sentem à vontade nas entrevistas, a julgar pelas respostas monossilábicas e pela expressão facial.

Depois de ter feito algumas perguntas genéricas como “por que razão migrou?”, “Há quanto tempo mora aqui?”, seu Antônio me falou, apontando para um de seus filhos: “aquele alí é outro arigó velho”, sem eu ter perguntado alguma coisa, talvez disse para descontraír. Rapidamente, aproveitei e toquei no assunto perguntando se eles mesmo se denominavam dessa forma, a resposta foi negativa e complementada pela frase: “o paraense que chamam a gente assim”. Dessa maneira, como salientam Poutignat et ali (1998, p. 142), uma atribuição étnica nunca se constrói de forma puramente endógena [ou exógena], mas ela é sempre produzida a partir de atos de outros grupos.

Além disso, disse-me seu Antônio não se incomodar ao ser chamado de arigó. Esta indiferença tem a ver com a ressignificação que ele dá à palavra, já que seu Antônio não descreveu para mim nenhum aspecto pejorativo. Para ele, o significado de “arigó” vem do mesmo sentido comparado à um pássaro. Com o mesmo nome, arigó, tal pássaro não tem destino premeditado e qualquer que seja o seu paradeiro, ele cria seu meio de sobrevivência porque é dotado de uma qualidade de quem é capaz de resolver qualquer problema, driblar obstáculos, propor metas e cumpri-las, etc. E onde não há possibilidade de sobrevivência, de se manter, ele migra para um outro lugar mais propício para tal e assim segue sua vida. Ao passo que na fala da Dona Sinara, há aquele tom pejorativo ligado a questão da ganância, avareza já dito antes. Ela conta que arigó “é um pássaro que sempre cantava “paga a conta, arigó!”. Trata-se de uma anedota, um gracejo, porém, ela interpretava como uma “ofensa”, como que ser cearense, arigó, é ser mal pagador ou coisa do tipo. Hoje ela não se importa mais com tais troças:

Você sabe que na época, quando eu era ainda muito jovem, eu ficava com raiva, sabe? Porquê...pra que isso? Eu não sei, eu não gostava da palavra, não. Me incomodava, me incomodava muito. É tanto que...assim...meus vizinhos mesmo (os mais chegados como eu tenho ainda hoje) nunca me trataram assim. Me chamavam pelo meu nome, diziam que eu era nordestina, era cearense e tudo mais. Nunca chegaram a me chamar de arigó

Mas essa palavra eu escutei muito. Nas ruas, nos ônibus, onde eu ia deixar meus filhos...no colégio. Diziam assim: “olha os arigozinhos”, chamavam pro meus filhos. Ai eu sempre chamava atenção. Eu digo: “Olha, ele não é arigó, o nome dele é ‘tanto’...falava, explicava pra ele mas com ignorância não, né?! Mas me incomodava essa palavra arigó, cabeça-chata. Mas, pra

falar a verdade, até nós se tratamos assim (cabeça-chata) na brincadeira. Mas na época aqui me incomodava.

Quando cheguei na universidade encontrei com meu colega de curso o qual me deu uma carona até a feira. Quando contei aquilo sobre o mingau eu me surpreendi ao ouvir ele dizer: “tá vendo só como eles são mão-de-vaca?”.

A situação da família de Dona Maria do Socorro ilustra o sentido do “arigó” dado por seu Antônio acima discutido no que concerne ao percurso migratório e suas causas:

[...] E a gente não deu mais certo onde a gente tava né (Brasília)...motivo de emprego né...e aqui a gente resolveu vir pra cá (Santarém)...pra caçar uma melhora porque quando a pessoa diz que quando não dar num lugar a gente procura caçar melhora noutra lugar. (Dona Maria do Socorro, 45 anos)

A família de Dona Maria é oriunda da cidade de Frecheirinha que fica localizada na região na mesorregião do noroeste Cearense, Ceará. Sua filha Regina administra um mercantil “Pague Menos” (onde realizei as entrevistas) que fica localizado na rua Boa vista. Uma rua um tanto descuidada, com bastante buracos e regos abertos pela chuva que cortam as ruas não asfaltadas, situado no bairro Aeroporto Velho. Dona Regina acolheu-me muito bem, embora eu tenha percebido o seu receio sobre as suas informações para o meu trabalho. Entrevistas gravadas causam isso. Melhor dizendo, “as relações de poder desigual entre pesquisadores e seus então nativos” é um dos “pecados” da antropologia que temos que lidar (PEIRANO, 2014, p. 05). Além do mais a preocupação dela era se as respostas da entrevista iam servir ou não para minha pesquisa.

Ela retrucou em algum momento no sentido de que as suas informações talvez não serviriam muito para mim porque ela não morou muito tempo no Ceará; morou bastante tempo em Brasília e depois veio para Santarém. No entanto, ela viaja de “2 em 2 anos”, para ver familiares e amigos. É casada com primo e me informa “você sabe né que a gente se casa com primos?!?”.

Dona Regina me relatou outro sentido para “arigó”, e ainda ponderou o grau de tratamento de um não-membro quando o chamam pelo termo. Em suas palavras: “Pessoal fala muito que cearense é arigó, não sei se eles querem dizer que cearense é burro...sei lá. Pessoal

às vezes me chama só na palhaçada mesmo, mas não xingando” (Regina Cunha Silva, 26 anos)

Quando entrevistei dona Maria, uma senhora de 45 anos de idade, de sorriso fácil, tinha a mesma preocupação de sua filha com as suas informações quanto a sua utilidade. Dona Maria, não sabendo muito que eu estava fazendo ali - antes de eu me explicar a ela sobre minha pesquisa - ela chegou a até me confundir, perguntando a sua filha Regina, se eu não seria alguém como um recenseador do IBGE.

De certa forma, Dona Maria se incomoda quando lhe chamam de “arigó”. Por essa razão, ela depreende que “arigó” é uma espécie de cognome depreciativo: “Eu penso assim que é um nome né...um palavrão. Porque chamar arigó...penso que seja um “apelide” assim que a pessoa bota na gente né. Eu penso que a pessoa tá botando “apelide” em mim... chamando nome assim...Eu não acho certo”

Neste sentido, o termo “arigó” é importante para ilustrar a discussão sobre quem tem poder de nomear quem. A esse assunto, Poutignat et ali (1998, p. 143) exemplificam que as teorias primordialistas não davam outra existência aos grupos senão às suas autodefinições. Como pôde ser observado, ainda segundo Poutignat et ali (1998, 142), os grupos étnicos não podem ser observados de maneira puramente endógena pela transmissão da essência e das qualidades étnicas por meio do *membership*, mas que a identidade étnica é sempre um produto criado na relação com outros grupos. Entender os conflitos de definições sobre arigó é entender de uma maneira mais ampla. É importante salientar, entretanto, que essas características acima citadas devem ser analisadas como “uma consequência ou resultado ao invés de tomá-la como um aspecto primário ou definidor [...]” (Barth, 2000, p. 29). Pois, ainda segundo Barth (2000), estudar as relações dos grupos étnicos a partir da morfologia dos mesmos, enquanto portadores de cultura, não é suficiente para entender empiricamente como estes grupos se organizam e interagem, socialmente falando. Muito embora não se trata de um grupo étnico, a teoria de Barth amplia a discussão, pois ele apresenta elementos que dialogam com a metodologia usada neste trabalho. Dessa maneira, o arigó estigmatizado não surgiu sem precedentes, foi na relação de fronteira social que foram gerados os seus sinais.

Por conseguinte, as noções fundamentais da etnicidade são luz para o entendimento da questão arigó aqui abordada concernente às nomações e ressignificações, embora os cearenses não sejam reconhecidos ou não se reconheçam como grupo étnico. Essa

problemática de nomenclatura está intimamente ligada ao estigma social de Goffman e a própria natureza dos movimentos migratórios a qual gera nomes, representações negativas, rótulos, estereótipos em função dos supostos problemas associados ao migrante. Nesse sentido, historicamente se desenhou um perfil “real e virtual”, isto é, aquilo que realmente é e o que é imaginário popular; aquilo que os membros se reconhecem e o que os não-membros rotulam. Essa caricatura do migrante cearense (ou do migrante nordestino), ainda reflete nos dias que correm.

Com o exposto, pretende-se alegar que mesmo sem o pano de fundo político de migração, mesmo sem condições climáticas que os provoquem um deslocamento forçado, etc., o cearense sofre preconceito por quase tudo que faz a partir de uma palavra: arigó. O interessante é o processo de “naturalização” dos próprios cearenses, como a Dona Sinara que disse que se incomodava muito logo no início. Escutava “arigó” nas ruas, nos ônibus, no colégio dos filhos e ela sempre se importava em corrigir aqueles que os chamavam os seus filhos por arigó. E depois com o passar do tempo passou a ser condescende, passou a ceder e aceitar ser chamada em alguns momentos assim, por arigó. E é essa “naturalização” tanto dos de fora quanto dos de dentro que este trabalho buscou problematizar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a realização do projeto deste trabalho fui motivado principalmente pela possibilidade de contribuição intelectual para os estudos de migração interna sob a ótica da Antropologia. Haja vista que pouco se encontra sobre o tema relacionando-o ao estigma social e assunto afins e, por essa razão, considerei importante levar adiante este trabalho.

Como pôde ser observado, a categoria arigó é rica em significados e do seu uso pode-se exprimir sentidos do mais variados, com intuito de desaprovar ou não a imagem do migrante cearense ou até de quem é percebido como tal. Os principais discursos ou falas dos santarenos que ouvi ou registrei durante este trabalho, os tomei como questões, problemas e confrontei com o que os migrantes consideram quando são chamados de arigó. Tais discursos não foram analisados apenas com dados do presente, o exercício buscou informações em bibliografias historiográficas com a intenção de uma análise com um recuo temporal de décadas atrás, pois, entendo a problematização como parte de um processo histórico. No campo da antropologia, trabalhei com alguns conceitos teóricos da etnicidade, na tentativa de compreender a relação de atribuição de grupos (Nós/Eles) e como os migrantes lidam e identificam para si o rótulo “arigó”. Nessa discussão também aparece o conceito de identidade, principalmente, quando se atribui, me referindo a “identidade contrastiva” no sentido de minoria, de identidades coletivas em contexto de inferiorização e preconceito. Essas questões, em particular, teoricamente, ainda busquei problematizar a partir do Goffman para pensar a categoria “arigó” como estigma social. Com isso faço o exercício de refletir sobre o que os santarenos pensam sobre os cearenses e como os cearenses lidam com tais classificações ou atribuições e, ainda mais, quais as implicações disso no cotidiano dessas pessoas.

Acredito que conhecer esse processo de estigmatização e também conhecer o grupo que está sendo alvo dele, já é uma maneira de evitar que tal processo cause os constrangimentos, estereótipos, ou qualquer outra circunstância depreciativa observada nesse trabalho. Por essa razão, a categoria “arigó” ainda se encontra em condições de obter ou de receber outros olhares, apontamentos ou aprofundamentos. Não somente esse recorte, mas o trabalho como um todo merece outras análises como a dos atores sociais que ressignificam e tomam para si a denominação de “arigó” para falar de uma transformação de status/classe

social e afirmação de identidade. E também da exploração do mundo de símbolos em contexto de migração, da cultura material que com eles também migram.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Arigó: santareno também discrimina, em:

<<http://www.jesocarneiro.com.br/comentarios/arigo-santareno-tambem-discrimina.html>>

BARTH, Fredrik. O guru, o iniciador e outras variações antropológicas. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

BECKER, Howard S. 2008 [1963]. Outsiders. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar.

BECKER, Bertha K. Geopolítica na Amazônia. Conferência do Mês do Instituto de Estudos Avançados da USP. 27 de abril de 2004.

BENCHIMOL, Samuel. Amazônia – Formação Social e Cultural. / Samuel Benchimol. 3.a ed. – Manaus: Editora Valer, 2009.

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas Sobre A Formação Social Do Nordeste. Lua Nova, São Paulo, 71: 41-79, 2007

CUNHA, Manuela Carneiro da. Antropologia do Brasil: Mito, história e etnicidade. Ed: Brasiliense, 1986.

Frecheirinha – Wikipédia <www.pt.m.wikipedia.org/wiki/Frecheirinha.com.br>

JEAN-PIERRE, Chabloz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2018. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4272/jean-pierre-chabloz>>. Acesso em: 04 de Ago. 2018.

LIMA, Frederico Alexandre de Oliveira. De arigó a soldado da borracha e o fazer-se seringueiro na Amazônia. Revista Tempo Amazônico. Revista Tempo Amazônico - ISSN 2357-7274| V. 1 | N.2 | junho-dezembro de 2014.

MORALES, Lúcia Arrais. Vai e vem, vira e volta: as rotas dos soldados da borracha. São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secult, 2002.

MORAES, Ana Carolina Albuquerque de. Mais borracha para a vitória: sobre o primeiro cartaz de Jean-Pierre Chabloz para a “Campanha da Borracha”. Revista de História da Arte e Arqueologia. N. 20 / JUL/DEZ de 2013.

MANN, Peter H. Métodos de investigação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1970.

NUNES, Francivaldo Alves. Sob o signo do moderno cultivo: Estado imperial e agricultura na Amazônia. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2011.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo. São Paulo: editora UNESP. 1999.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horiz. antropol., Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, Dec. 2014. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832014000200015&lng=en&nrm=iso>. access on 03 Aug. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>

POUTIGNAT- STREIFF-FENART. Teorias da etnicidade. Seguido de Grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. São Paulo: Fundação editora da UNESP, 1998.

SAYAD, Abdelmalek. A imigração ou os paradoxos da alteridade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

GONZAGA, Luiz. Viva o Arigó <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/1563391/> (Acesso: 17/06/18)

GOFFMAN, Irving. Estigma: Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. LTC Editora; Edição: 4 / 1 de janeiro de 1988.

SEYFERTH, Giralda. A dimensão cultural da imigração. RBSC vol. 26, nº 77, outubro/2011.

SILVA, Sidney da. A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. São Paulo em Perspectiva, v. 19, n. 3, p. 77-83, jul./set. 2005

TEDESCO, João Carlos. Imigração e integração cultural: interfaces. Universidade de Passos Fundos. 2003

VELHO, Gilberto. O estudo do comportamento desviante [Cap1 em Desvio e divergência]